

ABERTURA

O EDUCOMUNICADOR DEPOIS DE KAPLÚN¹

Fábio Rogério Nepomuceno

Há alguns cursos informais e formais, inclusive em nível de graduação, sobre educomunicação. Imaginamos que estes cursos formarão ou capacitarão educadores. Mas o que é um educador? Voltaremos à primeira definição de educador, proposta por Mario Kaplún em sua obra *O Comunicador Popular*, a fim de compará-la com a atualização da definição, feita pelo Professor Ismar de Oliveira Soares. O campo chamado educomunicação, na interface entre educação e comunicação, foi identificado a partir de estudos do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA / USP, e recebeu este nome porque Kaplún denominou os atores desta área como educadores. Tentando entender qual é hoje a efetiva prática deste profissional ou deste ativista proponho analisarmos os perfis de alguns educadores notáveis.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; educador; educadora; kaplún; perfil.

1 Esse artigo atualiza paper com abordagem teórica apresentado no IV Encontro Brasileiro de Educomunicação, dia 27 de outubro de 2012, na Editora Paulinas.

O EDUCOMUNICADOR DEPOIS DE KAPLÚN



Imagem 1: Mario Kaplún - frame de vídeo depoimento disponível no Youtube²

Há um outro tipo de comunicação possível. Há um outro tipo de educação possível. Mas há algo de errado com o que temos? Há realmente motivo para querer fazer diferente?

Existiu e existe quem reclame urgência e até há que busque unir Educação e Comunicação. Como disse Paulo Freire (1985, p. 46), “Educação é comunicação”.

Pensando nos instrumentos relativamente contemporâneos de comunicação, nossa referência primeira é Célestin Freinet³, na França, ainda na década de 20 do século XX. Freinet usou o que havia de mais moderno na sua época, o limó-grafo, um tipo de impressora, junto com ideias originais como a aula-passeio, uso de correspondências entre escolas, entrevistas, auto-avaliação, fichas de estudo e mais para desenvolver uma pedagogia de projetos, ainda hoje considerada inovadora. Inspirado em Freinet, e pensando a partir da prática de jornalismo comunitário de sua época, o professor, jornalista e radialista Mario Kaplún (1923-1998) escreveu sobre esse outro tipo de comunicação educativa. E ele chamou aqueles que a praticam de educadores.

O termo “educadores” aparece sem destaque no livro *Una Pedagogia de La Comunicación* (1998, p. 88 e outras). Mas esse livro é uma atualização

2 Vídeo com depoimento de Mario Kaplún disponível no link: <https://youtu.be/zucrwikexsM> Acesso em: 18 mar. 2018.

3 O próprio Kaplún fez um perfil sobre Freinet, texto este livremente traduzido pelo autor deste artigo. Consultar: <https://goo.gl/GKMcvg> . Há uma tradução profissional no livro *Educomunicação para Além do 2.0* de APARICI.

de *El Comunicador Popular* (1985). Em ambos, Kaplún descreve esse ator social (o educucomunicador) detalhando sua atuação, mas no livro mais antigo ele é chamado apenas de “facilitador”. Nenhum dos livros de Kaplún foi editado em português, mas o Coletivo de Comunicadores Populares iniciou uma tradução de *O Comunicador Popular*: fato bem de acordo com o tipo de iniciativa que Kaplún tinha e incentivava, de acesso ao conhecimento. É possível encontrar alguns artigos de Kaplún traduzidos no Brasil, com destaque para a coletânea de vários autores *Educomunicação para além do 2.0⁴* (organização de APARICI, 2014).

Claro está que Kaplún não inventou o conceito educucomunicador. Talvez tenha inventado o neologismo. A rigor, Freinet já era um. Mas o próprio Kaplún era um educucomunicador e, nas duas obras citadas, explica a prática que ele viu e ajudou a construir.

É a reflexão de Kaplún sobre sua prática que estamos visitando e que buscamos comparar com a atualização proposta pelo professor Ismar de Oliveira Soares (SOARES, 2011). Além disso, busca-se fazer referência a alguns educucomunicadores atuantes hoje em dia.

Pesquisa temática coordenada pelo NCE e financiada pela FAPESP, entre os anos de 1997 a 1999, denominada de “A Inter-relação Comunicação e Educação no Âmbito da Cultura Latino-Americana” (O Perfil dos Pesquisadores e Especialistas na Área), confirmou exatamente o surgimento de um novo campo do saber: a inter-relação Comunicação-Educação, também conhecida como Educomunicação. (MELO, 1999).

Esse novo campo foi chamado de educomunicação por causa do termo “educucomunicador” inventado por Kaplún. Depois de Kaplún, também Jesús Martín-Barbero e a UNESCO usaram o termo educomunicação, mas no sentido de leitura crítica das mídias. Posteriormente, pesquisas do NCE/ECA/USP atribuíram sentido mais amplo ao termo, chegando ao significado atual desse campo.

4 <https://goo.gl/YWL3uh> Acesso em: 18 mar. 2018.

A ênfase da educomunicação não é o uso das mídias, mas o foco no processo de comunicação, mais do que o conteúdo da mensagem, mais do que os recursos utilizados e do que os efeitos pretendidos. Diz o professor Ismar de Oliveira Soares:

Com relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos. (SOARES, 2011).

Pensar apenas no uso, privilegiando os meios técnicos disponíveis, reduz demais o potencial educativo dos “ecossistemas comunicativos”, conceito usado por Martín-Barbero (cf. SARTORI, 2005).

Importa ressaltar que a utilização dos meios de comunicação de massa para fins educativos não é um fenômeno novo e continua em voga. Alguns comunicadores tiveram propostas modernas e tentaram ensinar conteúdos relevantes e críticos. Cita-se, por exemplo, Roquette Pinto e sua rádio educativa. No entanto, focar apenas no efeito pretendido ou numa eventual boa intenção, também pode não ser suficiente, por não empoderar o público consumidor da mídia e continuar reproduzindo o sistema de comunicação e a divisão econômica vigentes

Pensar no processo e dar espaço para participação de todos abre potência para inovação, diversidade e horizontalidade que podemos traduzir por democracia participativa. Aqui reside um dos alicerces da educomunicação: a perspectiva colaborativa, dialógica, que estimula o protagonismo. Resumidamente, é esta distinção entre tipos de comunicação - que são também diferentes tipos de educação - que inicia os dois livros citados de Kaplún. Sua tese é:

“A CADA TIPO DE EDUCACIÓN CORRESPONDE UNA DETERMINADA CONCEPCIÓN Y UNA DETERMINADA PRÁCTICA DE LA COMUNICACIÓN”. (KAPLÚN, 1998, p. 17).

Em *O Comunicador Popular* (1985, p. 14) Kaplún diz que sua análise dos meios de comunicação usados sugerem que “comunicar é impor condutas, conseguir acatamento”. A única maneira de relativizar esta imposição é abrindo o diálogo, permitindo que todos participem da comunicação de forma mais ativa. Kaplún associa esta comunicação focada no processo com a educação libertadora, pro-

posta por Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* (1987) e defende esse modelo por ser o único capaz de transformar as relações e condições sociais.

Obviamente, é preciso organização para permitir esta participação de todos. Na era do rádio e do jornal impresso, em que Kaplún atuou e escreveu, havia uma série de limitações técnicas. O próprio acesso ao recurso básico de veiculação de mídia era difícil e caro. Uma das ideias que ele teve para abrir o diálogo entre grupos e comunidades foi a troca de fitas K7 com áudios gravados, equipamento popular na época. Uma ideia genial, que antecipa, por exemplo, o que hoje chamamos de podcast. Um ato para driblar a dificuldade que era ter acesso à antena transmissora de rádio.

No contexto atual, a popularização dos computadores e da internet abre novas perspectivas que certamente fascinariam Kaplún. Mas o fato de haver novos canais abertos ou mais recursos disponíveis não garante o diálogo criativo e transformador. Antes, o desenvolvimento da técnica pede novos mediadores. Uma nova categoria de educadores.

O livro Q & A de Vikas Swarup e sua versão cinematográfica “Quem quer ser um milionário?” (*Slumdog Millionaire*, 2008), de Danny Boyle, especulam de forma muito interessante sobre uma sociedade aprendente. A nossa sociedade. Onde as pessoas podem aprender o tempo todo e a figura do professor impondo um tempo do estudo concentrado não seria tão necessário quanto foi um dia. Em certa medida, isso talvez tenha algum sentido.

Mas, para favorecer a diminuição das diferenças de acesso ao conhecimento e às oportunidades de ascensão social a figura do professor / orientador / facilitador ainda é indispensável para ajudar num uso mais objetivo e funcional dos recursos tecnológicos disponíveis; nossa sociedade ainda precisa de mediação. Alguém que oriente e ajude os grupos a se organizarem. Sem prejuízo, esse orientador poderia e pode ser também um professor. Mas não necessariamente.

O educador, segundo a proposta de Kaplún, não carece obrigatoriamente de formação universitária. Isso porque a principal competência do educador, como percebe BONA (2007) em sua leitura de Kaplún, é a empatia com sua comunidade.

Mais do que colocar-se no lugar do destinatário, empatia significa “querer, valorizar aqueles com quem tratamos de estabelecer uma comunicação” (Kaplún, 1998, p. 99); BONA (2007).

Isso dialoga com o conceito de intelectual orgânico de Gramsci (2004).

Assim, a percepção das demandas (o que Kaplún chama de “pré-alimentação”) e o esforço para favorecer o pensamento autônomo e o senso crítico podem ser facilitados por essa empatia com a comunidade, o que não necessariamente exige formação universitária. Permitir que as pessoas pensem por elas mesmas é o grande ato educativo, que só é possível num modelo comunicativo e educativo com foco no processo, conforme citamos. Mais uma vez, afirma-se: o fato de as pessoas estarem ali, fazendo juntas, é mais importante que a qualidade do produto final apresentado. Esse produto é, sobretudo, uma forma e o fruto de um diálogo entre as pessoas que o produziram e é um meio de estabelecer diálogos com outras pessoas e outros grupos.

“Los educadores tenemos que ser eficaces. Preocuparnos de que nuestros mensajes lleguen” (Kaplún, 1998, p. 88)

Ter conhecimento técnico é importante para estabelecer esta mediação. No livro *O Comunicador Popular*, Kaplún deixa isso explícito, fornecendo, em forma de manual prático, muitas pistas para esta formação. É importante, mas não obrigatório. Mesmo não possuindo um elevado conhecimento técnico, um educador pode orientar com muito êxito um grupo, desde que favoreça a participação de todos, de forma que haja liberdade para o compartilhamento dos diversos saberes presentes no próprio grupo.

A grande potência está no trabalho coletivo e colaborativo.

Ainda sobre a formação do educador, há cursos livres (formais e informais) que ensinam educação. Geralmente são oferecidos como oficinas práticas: jornal mural, podcast, rádio, blog, uso de mídias sociais, produção de jogos, imprensa jovem, captação e edição de vídeo, teatro, grafite, outras artes... Alguns exemplos de cursos com certificação: o da ONG *Viração Educação* (que edita a revista *Viração*) e o projeto *Cala-Boca Já Morreu*, do Instituto Gens.

A Prefeitura de São Paulo, que tem a educomunicação como um de seus eixos de trabalho, oferece cursos formais na área de educomunicação para seus professores e pioneiramente contrata educadores - com este nome mesmo, para aplicarem esta formação.

O professor Ismar (SOARES, 2011, p. 19), no entanto, alerta que uma formação “oficineira”, sem aprofundamento teórico, pode não ser suficiente para promover a capacitação necessária em educomunicação, tal a complexidade deste campo de conhecimento.

Para além da formação básica ou de oficinas, há várias faculdades particulares oferecendo disciplinas ou propostas de seminários com o nome educomunicação e algumas ofertam até cursos de pós-graduação *lato sensu* em educomunicação em diferentes regiões do Brasil. Já entre as instituições públicas de ensino superior, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) oferece educomunicação como uma habilitação da graduação de Comunicação Social desde 2010. Em 2011, outra instituição pública – a ECA/USP – passou a oferecer a graduação de Licenciatura em Educomunicação. Em 2012, a ECA/USP passou a oferecer também a especialização (pós-graduação *lato sensu*) em educomunicação. Ou seja, o conceito deixou de ser apenas objeto de estudo para ser formação de nível universitário.

Isso não significa necessariamente que todos aqueles formados por esses cursos, formais ou informais, de nível básico ou superior, sejam educadores. É positivo que haja essa formação técnica e/ou acadêmica, mas se o essencial realmente não é a técnica, não seria possível formar um educador com esse tipo de estudo.

Acredita-se, porém, que educomunicação é algo que se aprende e se ensina. Por exemplo: pode-se falar em “inclinação” à arte ou à educomunicação, mas não em artista ou educador nato, pois da mesma forma que ninguém nasce artista, ninguém nasce educador.

A criança é um tanto artista, sempre criando; é muito cientista, cheia de curiosidade para descobrir o mundo que a cerca; mas muitas vezes tem seus talentos podados seja por um sistema educacional limitante ou estrutura social e familiar fragilizada. Talvez o tipo de comunicação usada nos vários espaços

sociais – inclusive na escola – nem sempre favoreça o desabrochar de novos educadores. Essa lacuna permite e até exige formação adicional e/ou posterior em educação (desde oficinas básicas até cursos estruturados de nível superior).

Convém lembrar como Kaplún percebeu que existia esse ator: o educador. Foi, sobretudo, dentro de grupos de mobilização social. Alguns deles publicando jornais impressos, outros produzindo programas em rádios comunitárias, sempre à margem da grande mídia produzida ou patrocinada pelos donos do capital. Educador ou facilitador era aquele que organizava as atividades de grupos alternativos, como sindicatos, escolas, associações de bairro, igrejas, etc. Ele ou ela favorecia que todos tivessem voz, todos participassem. Nesta ação, o mediador não precisava ser sempre ele o orientador; pois outros se formavam, as funções giravam, ou seja, se formam novos educadores na própria prática educativa.

Não é educação para os meios, é educação por nós mesmos, nos meios. Ou ainda: Educação dos meios por nós mesmos.

O curso de Licenciatura em Educação da ECA/USP, formado por docentes que pesquisam comunicação e educação, lançou uma atividade pioneira para permitir que os alunos do curso se tornem educadores: a imersão⁵. Nela, tanto o aluno pode participar de experiências educativas em locais fora da universidade, quanto ele mesmo pode oferecer oficinas aos seus pares, numa troca horizontalizada de saberes. Assim, reforça-se o diálogo entre os próprios alunos e destes com outros grupos. O diálogo que integra e educa. Ao promover o diálogo num grupo, o educador promove o diálogo deste grupo com outros. A educação se abre para o mundo.

Um dos critérios para avaliar a experiência educativa é a replicação: o diálogo deve formar novos educadores. A ação educativa, como proposta, deve poder ser reproduzida por outras pessoas, adaptada em outros contextos.

5 Mais informações no link <https://educomusp.wordpress.com/category/imersoes/>
Acesso em: 18 mar. 2018.

A educomunicação - enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas - não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente. (SOARES, 2011, p. 37).

Veremos breves casos de educomunicação. Sobre alguns, temos certeza de que são educadores; outros, embora exijam pesquisa mais aprofundada, parecem sê-lo.

LÍLLIAN PACHECO E A PEDAGOGIA GRIÔ



Imagem 2: Lillian Pacheco e Marcio Caires. Foto de Emília Silberstein⁶

Lillian Pacheco buscou uma formação diferente daquela oferecida na academia, descobrindo na Educação Biocêntrica de Ruth Cavalcante a expressividade corporal e a atenção com as relações humanas e a harmonia com a natureza.

Atuando junto com seu companheiro Márcio Caíres em comunidades e ONGs que acabaram por se tornar Pontos de Cultura na gestão do Ministro Gilberto Gil, Lillian percebeu a importância de levar os saberes tradicionais, transmitidos oralmente, para dentro da escola e desenvolveu uma pedagogia de mediação deste processo. O objetivo da pedagogia Griô é formar ou preparar educadores ou mediadores, também chamados de “Aprendizes Griô”, para ajudarem os mestres de diversas culturas tradicionais a compartilharem seus saberes para as novas gerações dentro das escolas, garantindo a sobrevivência e divulgação destas culturas. São estes mestres os nossos Griôs brasileiros: capoeiras, músicos, repentistas, parteiras, ceramistas, bonequeiros, artistas circenses, do-

6 Fonte da imagem: <https://lupa.atavist.com/acaogrio> Acesso em: 18 mar. 2018.

ceiras, curandeiros, contadores de causos, rendeiras, pajés das diversas tribos indígenas, líderes quilombolas...

No seu livro, *Pedagogia Griô, A reinvenção da Roda da Vida* (2006)⁷, Líllian explica todo o processo de construção desta nova pedagogia e conta um pouco da luta para consolidar a Lei Griô Nacional.

É recomendável que todos os interessados ou atuantes em educação e na interface educação e comunicação ou propriamente educomunicação acompanhem com atenção a Ação Griô e sua Pedagogia Griô. Esta atenção com os saberes orais e este respeito pelas culturas tradicionais devem fazer parte da formação de um legítimo educador. Muito mais do que ser um orientador educacional ou mediador no uso pedagógico das tecnologias, o educador deve ser um mediador de relações humanas para a aprendizagem compartilhada e a transformação social.

MAURO E O MUTIRÃO CULTURAL IMAGEM NO GRAJÁ



Imagem 3: Mauro Neri. Frame do vídeo teaser Imagem⁸

Tal como Kaplún, o artista plástico Mauro Sérgio Neri da Silva (nascido em 1981) gosta dos neologismos juntando termos que se relacionam de forma sutil. Imagens da Margem deu o projeto “Imagem”. Uma intervenção para grafitar e embelezar uma comunidade é chamada de “ManiFestão”. Tudo ação dos Agentes Marginais, com a palavra “marginal” também cheia de sen-

7 Consultar trechos deste livro e outras informações no link: <https://goo.gl/bkwrur> Acesso em: 18 mar. 2018.

8 Vídeo teaser Imagem disponível no link: <https://vimeo.com/49051661> Acesso em: 18 mar. 2018.

tidos, estando na periferia, na margem do sistema e próximos da represa. Um nome que representa vários grupos de artistas e ativistas da região de Grajaú, zona sul de São Paulo.

Alguns interpretam o grafite como uma arte reacionária, que em vez de esperar pacificamente ser buscada nos museus e livros, se oferece obrigatoriamente nos espaços. Invade os muros. A proposta do projeto Imargem está bem longe desta violência. Aliás, apresenta-se como diálogo com as comunidades, e por isso, pode ser considerada educucomunicativa. Além de levar beleza grátis para as pessoas das ruas e das comunidades, seus grafite e esculturas buscam resgatar memórias do espaço e disseminar mensagens educativas, principalmente sobre ecologia e meio ambiente.

O professor Ismar (2011, p. 47) identifica algumas “áreas de intervenção” para a prática educucomunicativa: educação para a comunicação; mediação tecnológica nos espaços educativos; pedagogia da comunicação, gestão da comunicação nos espaços educativos, reflexão epistemológica e expressão comunicativa através das artes. Nesta sexta área de intervenção, está totalmente inserida a proposta do coletivo Imargem.

Outro critério totalmente educucomunicativo atendido pelo projeto Imargem: “multiplicação dos agentes culturais” (expressão usada no vídeo ⁹ *teaser* do projeto). Além de dialogar, promove a formação de outros artistas e outros grupos de intervenção usando as ideias de arte, estética, intervenção, convivência, cultura, comunicação, educação, sustentabilidade, economia, preservação, memória e ecologia.

No vídeo citado, há o depoimento de um jovem que aprendeu técnicas para fazer esculturas usando o barro da margem da represa Billings. Claro que técnica é importante, já dizia Kaplún. Mas mais importante é esse tipo de mobilização social, que o artista Mauro propõe. Por isso, ele e seus companheiros do projeto Imargem são educucomunicadores e formam educucomunicadores.

9 <https://vimeo.com/49051661> Acesso em: 18 mar. 2018.

Depoimento de José Soró, disponível em <http://bit.ly/UrXXos> Acesso em: 18 mar. 2018. HYPERLINK “mailto:maria.santo@ig.com.br”

Alguns participantes do Imagem possuem outras funções sociais, fazendo praticamente um trabalho voluntário no grupo. O próprio Mauro, que criou o projeto, é também professor de artes. Mas parte realmente sobrevive de sua arte, conseguindo verbas de editais públicos, como o VAI da Prefeitura de São Paulo e leis de fomento federais. Assim, conhecimento sobre editais, leis e captação de recursos também são competências exigidas do educador, ou é preciso contar com a assessoria de pessoas que tenham este conhecimento, para garantir a sustentabilidade econômica do coletivo.

JOSÉ SORÓ E O COLETIVO QUILOMBAQUE DO BAIRRO PERUS DE SÃO PAULO



Imagem 4: José Soró. Frame do vídeo Papo com Soró¹⁰.

José Queiroz (nascido em 1964), conhecido por Soró, é consultor de desenvolvimento institucional, já tendo participado de projetos educacionais para adolescentes, usando a arte contra a violência. O grupo Quilombaque foi formado em 2005 pelos irmãos Dedê, Clevinho e Fofão, e quando Soró encontrou o grupo em 2007: “Aderi imediatamente. Eles possuíam um senso de autonomia, de conhecimento de suas raízes, forte sentimento de identidade, criativos, com uma impressionante capacidade gregária. E a surpresa, apesar de mal saberem, a Firmeza Permanente dos Queixadas, ali, vivas. Um original quilombo urbano. O orgasmo do Paulo Freire¹¹” (SORÓ, 2012).

10 Vídeo entrevista Papo com Soró parte 2, disponível no link: <https://youtu.be/z31N25c-Gw0> Acesso em: 18 mar. 2018.

11 <https://pt.slideshare.net/adrianasv/projeto-memrias-em-rede> Acesso em: 18 mar. 2018.

Preocupado em garantir a sustentabilidade da proposta dos jovens, organizou o grupo para responder às exigências institucionais e buscar financiamentos no poder público. Hoje o Quilombaque é muito maior, agregando centenas de jovens participantes de vários grupos, envolvidos em projetos de intervenção urbana usando a arte, teatro, saraus, educação ambiental e resgate da memória do bairro, com destaque especial para a luta sindical dos Queixadas e a transformação da abandonada Fábrica de Cimento Portland de Perus num Centro Cultural do Trabalhador.

CARLOS LIMA E O NÚCLEO DE EDUCOMUNICAÇÃO DA SME-SP



Imagem 5: Carlos Lima. Imagem de divulgação do II Colóquio Matogrossense de Educomunicação¹²

Carlos Alberto Mendes Lima foi radialista, como Kaplún, antes de ser professor de inglês em escolas de ensino fundamental da Prefeitura de São Paulo, na região de São Miguel e Itaim Paulista. Nas escolas onde trabalhou desenvolveu projetos de rádio escolar e protagonismo juvenil para promover uma cultura de paz, isso ainda antes do curso Educom. Rádio desenvolvido pelo NCE / USP entre 2002 e 2003.

Após o curso, empenhou-se na manutenção do projeto, que se transformou no Programa Nas Ondas do Rádio e posteriormente no Núcleo de Educomunicação, do qual é o coordenador, na Secretaria Municipal de Educação - SME.

¹² Fonte imagem: <http://www.educomunicacao.org/educom/tag/carlos-lima/>
Acesso em: 18 mar. 2018

A SME é pioneira numa série de propostas que buscam mudar as atividades das escolas públicas do município, ensinar os professores a usarem tecnologias na escola e empoderar os alunos. Há, por exemplo, o projeto Imprensa Jovem, em que alunos de ensino fundamental viram repórteres e transformam os laboratórios de informática em agências de mídia.

Ainda hoje o uso do rádio escolar é indicado como recurso de comunicação que favorece a aprendizagem e a cultura de paz na escola; no entanto o professor Carlos avançou a proposta, fazendo parceria com os professores da rede que exercem a função de POIE: Orientador de Informática Educativa.

A ideia de juntar a linguagem jornalística e a educação às TICs (tecnologias de informação e comunicação) foi tão eficiente que os gestores do programa de informática educativa desenvolveram sua própria proposta educacional, em parceria com o portal Educarede da Telefônica e o Museu da Pessoa. O projeto, desenvolvido em 2008, se chamava Memórias em Rede¹³. Outros projetos surgiram posteriormente na área de TICs, como o Minha Terra, com coordenação de Claudemir Viana.

Carlos também se empenhou na implementação da Lei Educom (lei municipal nº 13.941, de 28 de dezembro de 2004), que instituiu a educação como política pública na cidade, independente de qualquer governo, e viabilizou a abertura de edital para contratar especialistas educadores, com este nome mesmo em sua função, para ajudar na formação dos professores da rede municipal, tanto no uso das tecnologias, quanto no desenvolvimento de projetos educacionais.

Aqui levanto apenas uma pista, mas a importância do professor Carlos é notória, justamente por ter feito aquilo que mais caracteriza o educador: propor o diálogo e mediar as relações entre as pessoas e entre as pessoas e as tecnologias.

13 Exemplo de imersão com alunos do curso Licenciatura em Educação <http://youtu.be/G5uqnjXJRI> HYPERLINK "mailto:maria.santo@ig.com.br" Acesso em: 18 mar. 2018.

MAIS EDUCOMUNICAÇÃO POR FAVOR

Há várias experiências educacionais que podemos abordar e pesquisar. Há, por exemplo, a proposta de utilizar a educação na educação a distância: ou seja, o tutor seria um educador. Mas escolhi conversar um pouco sobre educadores que se aproximam daquilo que Kaplún explica em sua obra, levando em conta a atualização feita pelo professor Ismar de Oliveira Soares.

Faltou tempo e espaço, por exemplo, para analisar experiências como a de Alembert Quindins da Fundação Casa Grande; Tião Rocha e o Centro Cultural de Cultura e Desenvolvimento; as iniciativas sociais e diálogos estabelecidos pela música de Marcelo Yuka da banda F.UR.TO (frente urbana de trabalhos organizados); as apresentações do professor Luli Radfahrer, inovadoras ao proporem novos debates sobre educação, a proposta de Ana Luisa Anker¹⁴ de criar animações de forma totalmente colaborativa. Estes e outros oportunamente foram ou serão abordados em artigos no blog citado no final deste texto.

Com limitações, procurei levantar um debate sobre como se forma o educador, olhando alguns casos interessantes. Citei atores relevantes por seu ativismo, alguns reconhecidos em vários espaços por seus méritos, outros ainda em fase de consolidação de seus trabalhos.

QUEM É EDUCADOR@?

Quem educa comunicando e usa todos os recursos possíveis de comunicação com a intenção primeira de promover aprendizagem significativa e crítica. Quem prioriza sempre o processo, em vez da intenção, da ferramenta e do produto final. Quem organiza relações inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas dentro de um ecossistema comunicativo. Quem, possuindo ou não alguma formação acadêmica, tem conhecimentos que sabe compartilhar e sempre está aberto(a) a aprender com aqueles que está ensinando ou orientando. Quem valoriza aqueles com quem estabelece comunicação e estimula que também se

14 Click um olhar - Minidoc - http://youtu.be/-la_FpG0ygc Acesso em: 18 mar. 2018.

tornem protagonistas e gestores no processo, ou seja, forma novos educadores. Quem desperta novos educadores.

Agradeço a Antonio Batista da Silva Oliveira (Tom), colega do curso Licenciatura em Educação, pela leitura atenta da primeira versão e sugestões de mudanças. As incorreções que restaram são por minha exclusiva teimosia.

Agradeço a José Queiroz (Soró) e Carlos Lima da SME/SP por responderem tão prontamente meus questionamentos. Na paper original foram abordados a aluna do curso Licenciatura em Educação Evelyn Kazan¹⁵, criadora do projeto Click um Olhar / Pirituba Acontece e a celebridade Isadora Faber , criadora da página de Facebook Diário de Classe - A Verdade, mas como seus projetos não estão mais ativos estas partes foram retiradas dessa versão. Versões mais completas dos perfis citados neste artigo e na versão original, assim como alguns outros, estão disponíveis no Blog dos alunos do curso Licenciatura em Educação: <https://educomusp.wordpress.com/category/educadores/>



Imagem 6: QR Code com acesso direto ao blog dos alunos do curso Licenciatura em Educação

15 <https://catracalivre.com.br/geral/tecnologia/indicacao/isadora-indelicada/>
Acesso em: 18 mar. 2018.

REFERÊNCIAS

- APARICI, Roberto (organizador). **Educomunicação para além do 2.0**. Paulinas, (2014)
- BONA, Nívea Canalli et ali. **Kaplún e a Comunicação Popular**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 11 n.11, 169-184, jan/dez. (2007). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/view/931/990>
- CARACRISTI, Maria de Fátima A.. **As ideias de MARIO KAPLÚN: “fenômeno latino da comunicação educativa”**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista4/perfis%204-2.htm>
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**; São Paulo: Paz e Terra, 8ª edição (1985). Consultado em: http://www.bonato.kit.net/Extensao_ou_Comunicacao.pdf
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**; São Paulo: Paz e Terra, 17ª edição (1987). Consultado em: http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf
- GRAMSCI, A. **Escritos políticos**. . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. v. 2.
- KAPLÚN, Mario. **O Comunicador Popular** (1985); Tradução coletiva realizada pelo Coletivo de Comunicadores Populares: <http://www.camaracom.com.br/coletivo> Disponível em: http://www.4shared.com/document/Syw2RxG2/O_COMUNICADOR_POPULAR_MarioKap.html.
- _____. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL (1985); Disponível em: <http://es.scribd.com/doc/101042075/El-Comunicador-Popular>
- _____. **Una Pedagogia de La Comunicación**. Madri: Ediciones de La Torre (1998). Disponível em: <http://ebookbrowse.com/una-pedagogia-de-la-comunicacion-por-mario-kaplun-pdf-d277467717>
- MELLO, Luci Ferraz de **EAD e interatividade - conceitos em evolução**. Artigo. (2009). Disponível em: http://www3.usp.br/rumores/artigos2.asp?cod_atual=145
- PACHECO, Lillian. **Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, (2006)
- SARTORI, Ademilde Silveira e PRADO SOARES, Maria Salete. **CONCEPÇÃO DIALÓGICA E ANTIC: A EDUCOMUNICAÇÃO E OS ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS**. Artigo. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/81445957/CONCEPCAO-DIALOGICA-E-AS-NTICS-A-EDUCOMUNICAO-E-OS-ECOSISTEMAS-COMUNICATIVOS>
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas (2011).

Sobre o autor:

Nascido em 1976. Graduado e Licenciado em Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística pela FFLCH / USP (2004). Especialista em Mídias na Educação pela UFPE (2014) e Gestão Pública Municipal pela UNIFESP (2015). cursou durante dois anos o curso Licenciatura em Educomunicação da ECA/USP. Participante de projetos de educação e protagonismo juvenil do Programa Educom - Núcleo de Educomunicação da Prefeitura de São Paulo. Foi professor de ensino fundamental e médio e atuou como Assistente Técnico no setor TIC (tecnologias) da DRE Pirituba (diretoria regional). Atualmente é Diretor de Escola na EMEF Professor Luiz David Sobrinho no bairro Jaraguá.